

RELATÓRIO DE AULA DE CAMPO – JOINVILLE: RELAÇÕES ENTRE FORMAÇÃO, FUNÇÃO E FORMA

Alan Fernandes dos Santos
Graduando em Geografia - UFSC
alanimarui@yahoo.com.br

Carolina Moreira Boddy
Graduanda em Geografia - UFSC
carolina.boddy@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Data da saída de campo: 15 a 16 de maio de 2009

INTRODUÇÃO

Este relatório é resultado da viagem de estudos realizada a Joinville, entre 15 e 16 de maio de 2009, atividade integrante da disciplina de Geografia Urbana, do Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, para aquele semestre, organizada e orientada pelo Professor Ewerton Vieira Machado. O trabalho de campo teve como objetivo observar e discutir, *in loco*, aspectos da gênese e da formação socioespacial, associados às funções e formas observadas naquela cidade, e seus reflexos regionais.

O presente relatório embasa suas objetivações através dos elementos conceituais de espaço, formação socioespacial, função e forma espaciais propostos na obra de Milton Santos. Em princípio, revisita-se o conceito de espaço geográfico, na medida em que este é, *a priori*, categoria fundamental para o entendimento de quaisquer outras dimensões geográficas de análise. Segundo Santos (*apud* MORAES, 1981, p. 123), deve-se ver o espaço como um campo de força, cuja energia é a dinâmica social. Que ele é um fato social, um produto da ação humana, uma natureza socializada que pode ser explicada pela produção das mercadorias. Santos (1986) também afirma que as diferenças dos lugares e, portanto, das sociedades que os compõem, são naturais e históricas, e que a variação da organização do espaço é fruto de uma “acumulação desigual de tempo”.

Para Santos (1979) o conceito de formação socioespacial é resultado da relação entre duas categorias: modo de produção e formação social. A primeira reúne, em escala global, o conjunto de técnicas e relações econômicas e sociais, necessárias para atender

Revista Discente Expressões Geográficas, nº 06, ano VI, p. 153 – 172. Florianópolis, junho de 2010.

www.geograficas.cfh.ufsc.br

aos objetivos da sociedade num dado momento histórico. Já a formação social corresponde à maneira como determinado modo de produção materializa-se no espaço e suas especificidades entre determinações naturais e sociais, em diferentes escalas.

Dessa idéia, Santos afirma que,

As diferenças entre os lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares. O valor de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da maneira como eles se combinam. Assim, a organização local da sociedade e do espaço reproduz a ordem internacional (SANTOS, 1974 *apud* SANTOS 1979, p. 14).

Portanto, a formação socioespacial é a expressão como determinado modo de produção se exprime no espaço, sob diferentes tipos de usos.

Ainda segundo Santos (1996 *apud* CORRÊA, 2003), a forma é o aspecto visível, exterior de um objeto, que passa a constituir um padrão espacial. Uma casa, um bairro, uma cidade e uma rede urbana são todas formas espaciais de diferentes escalas. Por sua vez, a noção de função implica uma tarefa, atividade ou papel a ser desempenhado sobre o objeto criado. Portanto,

A relação entre forma e função é, em princípio, direta: uma determinada forma é criada para desempenhar uma ou mais funções. E não existe função sem a sua forma correspondente. Contudo, apenas a consideração da forma e da função não é suficiente para compreendê-la: estaríamos retirando da realidade social a sua natureza histórica, isto é, as características sociais e econômicas e suas transformações (CORRÊA, 2003, p. 77).

Desse modo, articular as idéias de “formação, função e forma”, como estratégias inerentes a este relatório, expressa uma tentativa de compreensão da dimensão de lugar, sendo necessário primeiramente levar em conta características históricas, econômicas, sociais, além daquelas de base ecológica. Esses elementos refletem o movimento em que são, ao mesmo tempo, resultantes e resultados de processos locais, articulados com outros em diferentes escalas.

Ao relato aqui apresentado, associado à noção e ao papel da formação socioespacial da cidade e sua região, enfatiza-se como as colonizações portuguesa e alemã contribuíram para que fosse possível identificar quatro períodos ou ciclos, determinantes na trajetória socioeconômica do lugar e sua área de influência. Desta abordagem Santana (1998) identifica, cronologicamente, os seguintes ciclos: Colônia-venda, Erva-mate, Madeira e Têxtil/Metal-mecânica. Este último ciclo será abordado mais profundamente, estabelecendo suas relações com a noção de função e forma. Estas

abordagens serão reconhecidas no decorrer do relatório através de elementos como a arquitetura alemã, objetos para o turismo, locais de segregação socioespacial e de certo modo o poderio econômico, que se expressam pelas ações dos atores daquele lugar, em diferentes arranjos socioespaciais.

No presente relatório, composto de temáticas que apresentam uma visão de cidade a partir de um conjunto de locais visitados na atividade de campo, as informações foram coletadas e sistematizadas com base em depoimentos e complementadas por informações bibliográficas, as quais sustentam a base desta reflexão. O caráter relatorial deste texto, como dito anteriormente, é fruto de entrevistas, visitas e impressões pessoais que, apesar de denotarem uma subjetividade, não minimizam a importância científica, enquanto uma atividade curricular acadêmica, dentro desta formação profissional.

É importante destacar que, apesar de o conteúdo do relatório ser apresentado em temáticas “aparentemente separadas”, isto não indica, necessariamente, que as discussões estejam individualmente desarticuladas. Cada grupo temático não se explica sozinho. Na verdade todos complementam-se e podem ser percebidos no seu conjunto.

LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O município de Joinville está localizado na microrregião nordeste de Santa Catarina (Figura 1), sendo considerado aquele que mais se destaca no contexto estadual, notadamente no que diz respeito às bases econômicas. Ele representa, por exemplo, cerca de 20% das exportações do estado. Esse fator está aliado, em parte, a sua proximidade com o município de São Francisco do Sul, onde está um dos mais importantes portos brasileiros, responsável pela carga e descarga de diversos produtos que são produzidos e consumidos na região de Joinville, em quase toda Santa Catarina e em outros lugares do país e do exterior.



Figura 1. Localização do Município de Joinville.
Fonte: Prefeitura Municipal de Joinville.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a dinâmica das atividades na viagem de estudo foi elaborado um roteiro, o qual continha as datas e os horários, os pontos de paradas técnicas e os objetivos de cada conteúdo a serem (re)conhecidos. A viagem contou com a coordenação do docente da disciplina de Geografia Urbana, com a colaboração de um doutorando da Universidade Federal de Santa Catarina e de professores da UNIVILLE e IELUSC, além de técnicos da Prefeitura Municipal de Joinville. Acompanharam também outros dois mestrandos de geografia da UFSC.

As atividades tiveram início no dia 15 de maio de 2009, em Florianópolis, quando o grupo saiu em direção à Joinville. Na programação, a primeira atividade foi a participação em uma Mesa Redonda com o tema “Joinville: aspectos de sua dinâmica e desenvolvimento urbano e regional”, apresentado pelo geógrafo Naum Alves de Santana e pela arquiteta Maria Claudia Lorenzetti Corrêa, e que teve como objetivo apresentar e discutir as características, locais e/ou regionais, associadas aos processos de

urbanização/urbanismo e afins, relacionados às dimensões da formação socioespacial regional/nacional.

Prosseguindo, em um pequeno *tour* pedagógico na área central de Joinville, o grupo procurou verificar, *in loco*, alguns elementos formadores da paisagem, associados à trajetória de ocupação e usos do solo. Por exemplo, a partir do Mirante da Boa Vista, observou-se na paisagem que esta reflete nitidamente as dimensões da segregação social da cidade de Joinville. Explicitamente percebeu-se sobre as formas de ocupação nas áreas próximas à empresa Tupy, em direção à Baía da Babitonga, como estão se dando relações entre ocupação do solo e possíveis impactos socioambientais.

Para observar locais que estão em processo de refuncionalização e que guardam marcas referenciais históricas da ocupação humana em direção ao Planalto Norte de Santa Catarina, houve a visita orientada pela turismóloga Izabela Pacheco Cardoso à “Casa Kruger”, que é na atualidade, um dos locais limítrofes de referência entre os perímetros urbano e rural do município. Além disso, visitou-se o estabelecimento da família Moppi, proprietária de um engenho de cachaça que mantém os traços da agricultura familiar original em Joinville. As Figuras 2 e 3 apresentam a localização de algumas dessas paradas.

No segundo dia, as atividades prosseguiram em dois momentos: primeiro, continuando o *tour* pedagógico na área central percorreu-se a pé, um trajeto entre algumas artérias predominantemente comerciais em direção ao mercado central. Neste percurso, com rápidas paradas, buscou-se observar elementos presentes na paisagem antrópica, ligados à base cultural, estética e arquitetônica das fachadas e à presença de tipos de atividades econômicas locais (lojas, tipos de mercadorias, serviços, dentre outros). Do mercado público, ao lado do Rio Cachoeira, partiu-se para o segundo momento daquele dia, em direção ao município de São Francisco do Sul, onde numa rápida visita, buscou-se observar traços de algumas características entre este lugar e suas articulações com Joinville.

O término desse campo foi, portanto, com algumas observações acerca de padrões de utilização de paisagens (casas, prédios, áreas de lazer, etc.) presentes em balneários de São Francisco do Sul que, grosso modo, apresentam uma dinâmica resultante das ações oriundas de agentes que possuem influências socioeconômicas na região de Joinville.

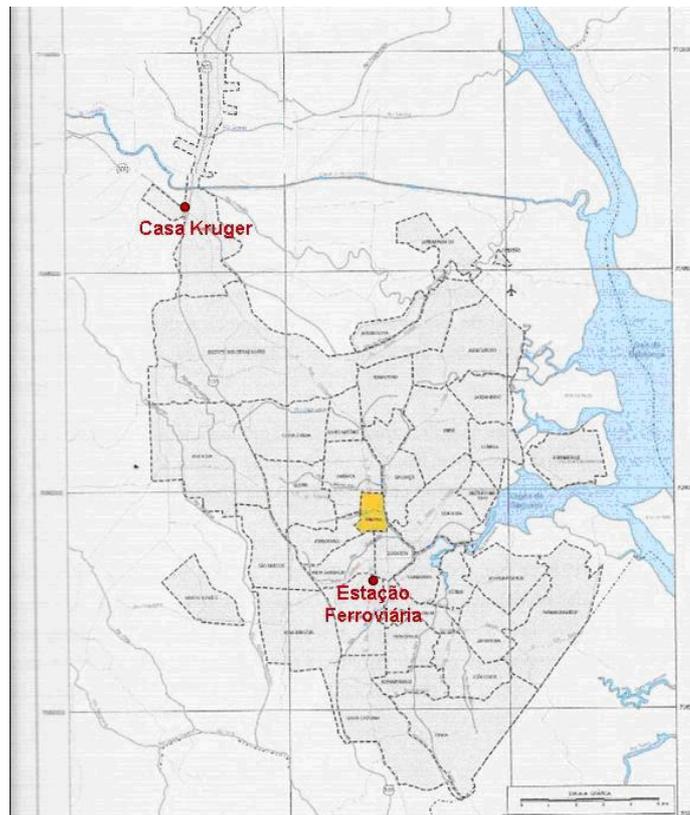


Figura 2. Ilustração do perímetro urbano da cidade de Joinville, com destaque para a localização da Casa Kruger e Estação Ferroviária.
 Fonte: Prefeitura Municipal de Joinville.

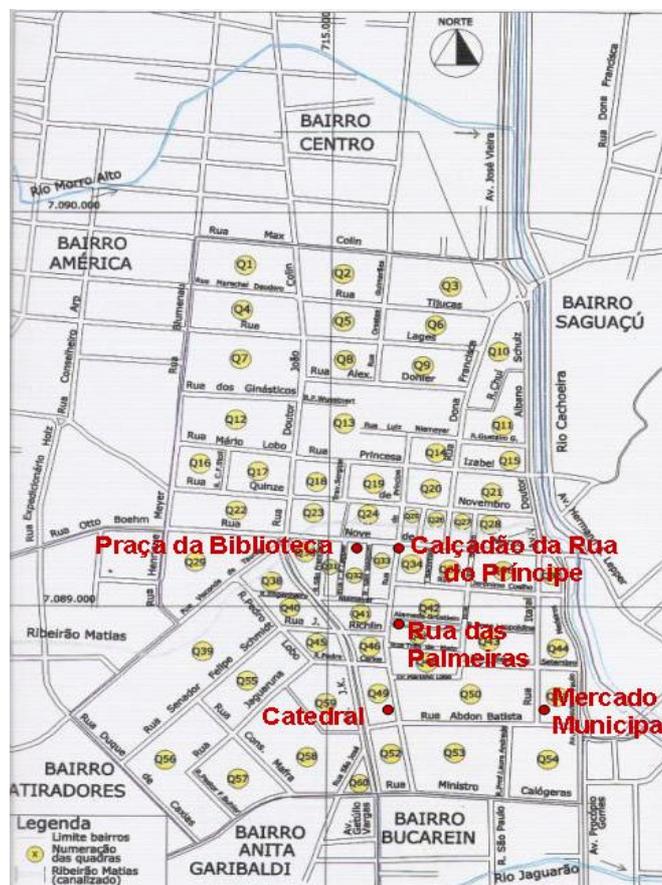


Figura 3. Área central da cidade de Joinville, com paradas de campo identificadas em vermelho.

Adaptado pelos autores.

Fonte: Prefeitura Municipal de Joinville.

TRAÇOS DA TRAJETÓRIA JOINVILLENSE

A abordagem histórica e o relato do surgimento e crescimento da cidade são de fundamental relevância para a compreensão da formação socioespacial da cidade de Joinville. A historicidade torna possível o entendimento das diversas funcionalidades e formas atribuídas no espaço urbano, e evidencia a aptidão econômica essencial da cidade, mesmo porque esse fator foi determinante no desenvolvimento do município e na sua configuração atual.

Segundo Santana (1998), as terras em que hoje se assenta a cidade de Joinville faziam parte do dote da Princesa Francisca Carolina, filha de D. Pedro I, a qual se casou com o príncipe de Joinville. Assim que a família real foi exilada no Brasil, o príncipe de Joinville decidiu negociar as terras que havia recebido como dote com a Sociedade Colonizadora de Hamburgo, por estar em dificuldades financeiras.

As crises econômicas, políticas e sociais da Europa facilitaram para que as companhias trouxessem imigrantes para o Brasil, inclusive os alemães, que vieram para a Colônia Dona Francisca a fim de iniciarem uma nova vida.

A vantagem, em termos de localização regional, não se deu por acaso: a Companhia de Colonização exigiu em seu contrato que o príncipe conseguisse, junto ao Governo Imperial Brasileiro, as melhores condições para a nova colônia. Neste sentido,

A posição do sítio onde se instalaram esses colonos foi de fundamental importância para o desenvolvimento da Colônia Dona Francisca, apesar dos significativos condicionantes ambientais, cujas restrições e potencialidades naturais inter-relacionam ao longo de todo o processo de desenvolvimento local. Localizado ao sul da Baía da Babitonga, o sistema hídrico formado pelo Rio Cachoeira, Lagoa de Saguacu e a própria baía, oferecia as melhores condições de acesso à colônia e de escoamento da produção do planalto (Rio Negro, São Bento do Sul, Campo Alegre) em direção aos portos - no caso São Francisco do Sul, cuja exportação se destinava para a Europa e a região do Prata (SANTANA, 1998, p.18).

No dia 9 de março de 1851, ocorreu a chegada dos primeiros imigrantes, que desembarcaram no Porto de São Francisco do Sul, dando, então, início à colônia de Dona Francisca, que no ano seguinte foi denominada Joinville, em homenagem ao príncipe.

Segundo Peluso Jr. (1951 *apud* BRÜSKE, 2002), o núcleo original de Joinville foi estabelecido às margens do Ribeirão Mathias, afluente do Rio Cachoeira, pois observou-

se na época que, pouco depois de sua foz, as terras estariam cerca de três metros acima da maré média.

Nos anos posteriores, a chegada de novos imigrantes não cessaram, sendo predominantemente alemães de origem teuta. Estes tinham fortes ligações com a indústria e o comércio, fruto das relações capitalistas preexistentes em algumas regiões de seu país de origem (Figura 4). Vale destacar que, além de alemães, juntaram-se à colônia, austríacos, holandeses, italianos, suecos e portugueses.

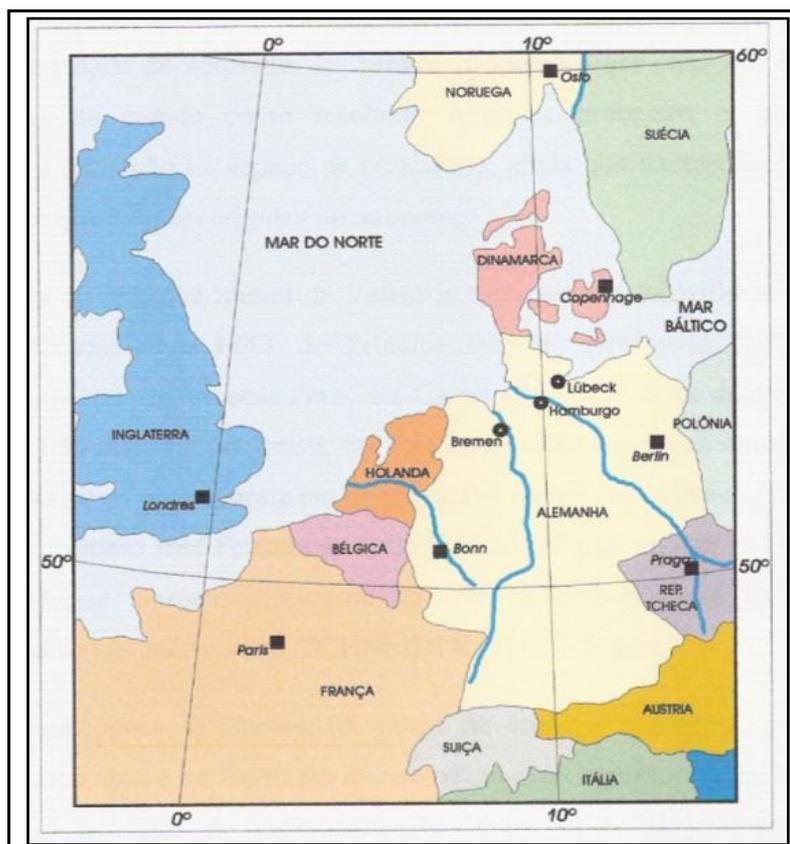


Figura 4. Localização das cidades nas Repúblicas Hanseáticas.
Fonte: Santana, 1998.

Enfrentar o novo ambiente não foi tarefa fácil para os novos estrangeiros. O clima úmido, a mata densa, o solo pantanoso e as doenças tropicais, responsáveis por muitas mortes, foram, entre tantas, dificuldades sofridas pelos europeus. Todavia, Ternes (1986 *apud* BRÜSKE, 2002) informa que as dificuldades financeiras vividas na Alemanha e as perseguições religiosas lá sofridas foram fatores que estimularam o colono a permanecer no Brasil e a superar as inúmeras limitações destes primeiros anos de colonização.

Desse modo, os imigrantes dedicaram-se à organização econômica do sítio, a qual lhes daria autonomia, já que o lugar era considerado isolado do resto do país, tanto em

sua localização como em relação à formação étnica dos colonos. A esses colonos, durante os primeiros quatro anos da nova colônia foram providos vultuosos recursos financeiros.

NA TRAJETÓRIA DO LUGAR: RECONHECIMENTO DE “CICLOS” DE SEU DESENVOLVIMENTO

Referente à trajetória histórica de Joinville, Santana (1998) relata que inicialmente a estrutura minifundiária de policultura de subsistência foi a forma de organização encontrada para que a colônia obtivesse a autonomia necessária para o surgimento de pequenos postos de troca. Assim, desde o seu surgimento até a instalação dos primeiros engenhos de erva-mate em Joinville, a atividade econômica se caracterizava pelo sistema “colônia-venda”, na compra de produtos como manteiga, banha, açúcar, madeira e na venda de produtos como sal, ferramentas, tecidos e louças produzidos pelos próprios colonos.

A pequena colônia se desenvolveu rapidamente através da atividade agrícola e do fornecimento de mercadorias para o abastecimento do mercado de São Francisco. Entretanto, há outros fatores importantes para o desenvolvimento do lugar a serem considerados como: a origem dos imigrantes – uma vez que muitos vieram de localidades onde o sistema capitalista industrial já estava inserido; os agricultores tinham o estímulo necessário para buscar atividades que lhes dessem autonomia – e o tipo de colonização, com pequenos assentamentos familiares, providos de pessoas que dominavam outras técnicas além da agrícola, o que favoreceu o início da industrialização em Joinville.

A vantajosa localização regional abriu portas para a implantação da atividade ervateira, principal atividade extrativista do planalto e de Curitiba, que já era uma cidade de grande influência na região sul. Considera-se que

[...] em 1880, Joinville tornou-se um dos mais importantes entrepostos comerciais de erva-mate, concorrendo com centros tradicionais como Antonina e Morretes, no Paraná. O mesmo ocorreu durante o ciclo da madeira – do início do século 20 -, tendo Joinville se transformado em um dos maiores focos de exportação de madeira na América Latina, embarcadas a partir do cais do Bucarein e do Morro do Ouro para o porto de São Francisco do Sul de onde ganhavam o mercado externo – os Estados Unidos e a Europa (SANTANA, 1998, p.18).

Os descendentes luso-brasileiros dominaram a atividade ervateira e direcionaram seus lucros para atividades imobiliárias e para o aprimoramento cultural dos membros de sua família, levando-os para o Rio de Janeiro ou Europa. A economia da erva-mate promoveu grandes investimentos à urbanização da cidade, como a abertura das atuais rua Duque de Caxias e avenida Procópio Gomes, além de propiciar a instalação de energia elétrica, telefones e malha ferroviária na região.

Já os empresários com ascendência germânica ocupavam-se da atividade industrial através da transformação artesanal dos produtos agrícolas e não-agrícolas pelos colonos. Então, os primeiros estabelecimentos industriais foram os engenhos de açúcar e de cachaça, de farinha de mandioca, de milho, de serrarias e olarias. Assim, é notória a relação entre a erva-mate e a industrialização da região, pois

[...] o “Ciclo do Mate” teve importância decisiva neste processo. O mate que vinha do sul do estado do Paraná trazido em carroções pela estrada Dona Francisca, era industrializado em Joinville, e em seguida embarcado via fluvial até São Francisco do Sul onde era exportado (BRÚSKE, 2002, p. 24).

A partir de 1880 as primeiras indústrias foram fundadas e a Colônia passou por um período de transição de atividade agrícola de subsistência para a economia de mercado e, por fim, para a indústria que, assim como as lavouras, também eram familiares.

As duas grandes Guerras Mundiais representaram um marco na evolução industrial de Joinville; afinal, além do avanço na infraestrutura, como a construção da estrada de ferro que ligava Rio Negro a São Francisco do Sul, a construção do Mercado Municipal às margens do rio Cachoeira e ampliação da distribuição de energia e telefone, elas foram obras que impulsionaram a melhoria dos serviços prestados, além de favorecer o aumento das vendas, uma vez que, por conta da dificuldade de importação de bens e equipamentos dos países que estavam em conflito, à região podia suprir a demanda do mercado nacional.

Formação e segregação socioespacial: olhares e observações

As características naturais do sítio, sua localização geográfica, bem como a formação social dos colonizadores da cidade de Joinville culminaram numa formação socioespacial peculiar. Uma sociedade com fortes relações com o trabalho e a indústria fez uso das potencialidades do meio físico, transformando o espaço, alterando a

paisagem e caracterizando sua base econômica. Historicamente, a cidade desenvolveu-se sob esta ótica, sendo considerada atualmente o maior pólo industrial de Santa Catarina. Conseqüentemente, ela atraiu mais indústrias, mais riquezas e mais pessoas – imigrantes buscando novas oportunidades, encontradas dentro das fábricas. A cidade teve que se adequar a essa nova conjuntura, redefinindo suas relações sociais, seus lugares e seus espaços.

É interessante ressaltar que o “crescimento da cidade de Joinville, em termos espaciais, está diretamente vinculado à expansão da base econômica e industrial, que trouxe consigo o crescimento populacional” (SANTANA, 1998, p. 49). Entretanto, o poderio econômico da cidade parece não se refletir na paisagem urbana. O maior pólo industrial de Santa Catarina possui características urbanas de uma cidade de “médio porte”.

Ainda segundo palavras de Santana (1998), o crescimento demográfico de Joinville, oriundo de uma imigração constante, constituía uma “ameaça” à ascendência germânica que predominava na sociedade. Estes novos imigrantes formaram a classe operária industrial, sem ligações com a origem étnica do período colonial. Além disso, caracterizam-se por um baixo nível de renda.

Portanto, as diferenças étnicas, econômicas, sociais e históricas apontam para uma segregação socioespacial, marcada pela existência de bairros operários e de regiões mais nobres, localizadas no centro da cidade, como pode ser percebido nas Figuras 5 e 6.



Figura 5. Vista do Morro da Boa Vista (Bairro com formação inicial para o operariado).
Fonte: Alan Fernandes dos Santos

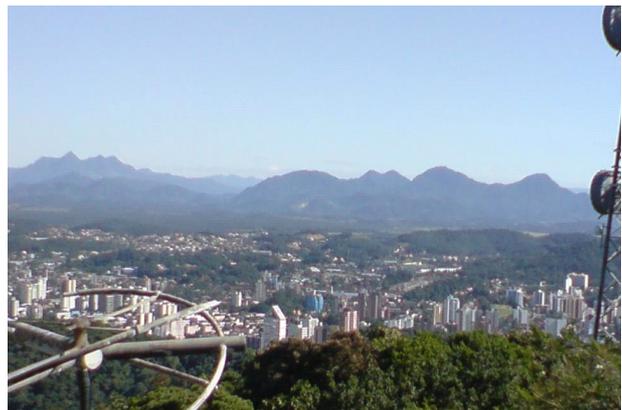


Figura 6. Vista do Morro da Boa Vista (Área Nobre Central).
Fonte: Alan Fernandes dos Santos

DIMENSÕES CULTURAIS DO LUGAR – FORMA E CONTEÚDO

Na paisagem de Joinville foi possível visualizar casas, igrejas, praças, dentre outras formas, que evidenciavam quais os direcionamentos que esta sociedade tinha no passado, no presente e almeja para o futuro. As formas estão repletas de significados, pois sofreram diferentes influências e usos, ao longo do processo histórico. Estas dimensões culturais do lugar serviram como “pistas”, para a leitura da paisagem urbana e rural do município. Assim, elas propiciaram um olhar e uma compreensão mais nítida, sobre as relações econômicas, sociais e políticas ali presentes.

Arquitetura enxaimel e “enxaimelada”

Joinville também possui, como outras cidades em Santa Catarina, arquitetura de influência alemã, em estilo enxaimel. O enxaimel é uma técnica construtiva, embora, no senso comum, seja considerado um estilo. A estrutura de madeira é montada com encaixes, sendo que a armação é totalmente independente do preenchimento dos vãos, que são feitos com pedras ou tijolos. Além disso, outra característica da técnica é a robustez e inclinação dos telhados (BRUM NETO, 2007). Segundo Santana (1998), as casas enxaimel, que ainda resistem à pressão da renovação urbana em Joinville, expressam a disponibilidade de materiais para a construção na época.

A densa floresta forneceu madeira em quantidade e qualidade suficientes para que a mesma servisse de estrutura para as edificações, vedadas com alvenaria de tijolos de cerâmica e cobertas com telhas do mesmo material, as quais foram produzidas com a argila fartamente encontrada na região.

No passado estas residências correspondiam, em forma e conteúdo, aos padrões de vida da comunidade na medida em que adquiriam uma funcionalidade mais ligada ao campo, à moradia ou como entreposto comercial. Ao longo da visita de campo foi possível observar inúmeras casas com arquitetura enxaimel. Pôde-se constatar casas muitas bem conservadas e outras tombadas, no sentido literal e legal da palavra, principalmente na área urbana da cidade. É neste ponto que se ressalta a importância da defesa do patrimônio histórico, pois essas construções representam traços arquitetônicos e culturais desta sociedade, explicitando através da forma a sua formação socioespacial.



Figura 7. Casa em estilo enxaimel, localizada na zona rural de Joinville.
Fonte: Alan Fernandes dos Santos.

É interessante observar que, apesar dos problemas de deterioração e falta de preservação do patrimônio histórico, o estilo enxaimel ainda é muito presente na cidade. Entretanto, a aparência das construções engana, pois muitas das construções possuem, na verdade, o estilo “enxaimelado”. Segundo Brüske (2002, p.150), este “refere-se a um tipo de tratamento estético muito utilizado na década de 1970, com o qual se tentava recriar o enxaimel apenas no aspecto visual e não na estrutura da construção”.

Para tanto, eram utilizados alguns elementos estéticos, tal como madeiramento aparente e em “X” na composição das fachadas em edificações com estrutura nada similar ao estilo enxaimel original. Nitidamente, o enxaimelado adquire funções e percepções ligadas ao turismo, bem como se mostra ser a tentativa de criar uma identidade cultural com o objetivo de retomar uma retórica de “cidade alemã”. Vale lembrar que o verdadeiro enxaimel também adquire uma refuncionalidade, caracterizando-se como uma rugosidade no espaço; vide como exemplo a Casa Krüger. Assim, os padrões arquitetônicos antes ligados ao modo de vivência dos colonizadores, agora se relacionam ao comércio, serviços e/ou esboçam os postais da cidade.



Figura 8. Edificação em arquitetura “enxaimelada”, utilizada para função comercial.
Fonte: Alan Fernandes dos Santos.

Ainda acerca do estilo enxaimelado, um olhar mais atento indica uma certa artificialidade, uma descaracterização da cultura germânica joinvilense. Em outras palavras, é uma forma sem conteúdo. Conteúdo este, que encontra-se verdadeiramente na casa dos moradores, na culinária, nos hábitos, no cotidiano dos cidadãos. Ou seja, pode-se afirmar que o verdadeiro atrativo cultural encontra-se nas pessoas, ainda, na atual realidade joinvilense.

A respeito desta temática, Costa (2009) discute a desconstrução da identidade germânica presente no Vale do Itajaí e representada pela arquitetura do enxaimel. Este padrão ultrapassa as fronteiras da construção civil para ajudar a compor uma arquitetura social. Esse autor discute a questão como um componente social importante ligado à arquitetura da cidade, ao tratar de Blumenau, enquanto cidade de costumes de bases genéticas alemãs, assim como Joinville. Para ele, Blumenau

[...] já foi alemã, italiana. Com alemães e italianos as enchentes anuais perderam leveza e novidade. Ganharam angústia. O enxaimel foi despejado da riqueza de detalhes estéticos que abrigava e virou simulacro empobrecido da nostalgia. A Oktoberfest adquiriu o teor escuro da revolta desesperada, da dor. Uma dor de cerveja e mijo azedos. Alegrias e festas exauriram-se. A abundância econômica despencou (MARTINS, 1993, p. 10 apud COSTA, 2009, p.1).

Diante destas considerações, cabe-nos uma indagação: a cidade de Joinville constrói suas ações em busca de qual identidade urbana? Aquela que privilegia as funções econômicas ou a preservação da formação socioespacial do lugar?

Casa Kruger

A Casa Krüger foi construída em 1925, e está localizada no trevo da BR-101 com a BR-301 (estrada Dona Francisca, acesso à serra de mesmo nome), no distrito de Pirabeiraba.

A casa possui área de 240 m² e abrigava em seu interior a família Krüger, a qual durante décadas era responsável pela produção de cachaça colonial produzida com garapa de cana-de-açúcar através de um alambique. Segundo relatos da coordenadora da Casa Krüger, ligada a Fundação Municipal 25 de Julho, Irmã Bertoldi, a família Krüger também desempenhava outras atividades relacionadas à agricultura, como cultivo de mandioca, espécies frutíferas e também pecuária de gado leiteiro e de corte.

Além disso, a casa também funcionava como um grande entreposto e parada de carroceiros, que escoavam e comercializavam sua produção ao longo da região. Vale ressaltar que estas e outras informações foram confirmadas por um integrante da família Krüger que, por coincidência, visitava o local. Ele relatou suas estadias na casa em sua época de infância, o dia a dia ligado à agricultura, a hospedagem dos carroceiros, dentre outros fatos. Entretanto, as funções originais atribuídas a este local deixaram de ser cultivadas, consequência das novas atividades econômicas citadas anteriormente que, ao longo do tempo, modificaram sua funcionalidade e importância.



Figura 9. Vista da Casa Krüger.
Fonte: Universidade Federal da Bahia, 2009.

Mais recentemente, a residência foi adquirida pela Prefeitura de Joinville, que restaurou e implantou ali um centro de informações sobre o projeto de turismo rural. Ela foi nomeada Portal Rural Dona Francisca, inaugurada no dia 20 de outubro de 2002. Atualmente é a porta de entrada do turismo rural de Joinville.

A partir de todas essas alterações, pode-se analisar as muitas relações envolvidas neste local. Cabe mencionar o mesmo atributo de refuncionalização do espaço em questão. Conforme já descrito, os papéis atribuídos ao local mudaram à medida que se desenvolveu a passagem da agricultura para o turismo. Em um tempo passado, o papel da edificação se relacionava às primeiras funções de Joinville e abarcava, em sua formação característica, as atividades econômicas da época, isto é, a dos colonos.

Atualmente, esta tradição revestiu-se de uma função turística que media a possibilidade de ganhos para outras propriedades rurais que, provavelmente, tinham as mesmas especificidades que as da casa Krüger em sua origem. Hoje, de certo modo, ela reflete os novos objetivos do capital local, relacionados ao ócio produtivo.

Contudo, também é possível identificar fatos positivos. Ainda hoje, a casa Krüger encontra-se num ponto que delimita o espaço e a paisagem rural e urbana, como demonstra a Figura 2. Neste sentido, ela não se projeta apenas no turismo e em suas atribuições econômicas; precisamente, ela também é um limiar que retrata novos valores.

Essa transformação de valores também é passível de ser observada a partir dos anos 2000, quando houve uma maior preocupação, por parte da prefeitura, em recuperar a história, não apenas para o turista, mas também para a comunidade local. Buscou-se, assim, resgatar as características culturais relacionadas à prática da colônia e não apenas oferecer a visão de uma cidade idealizada por um príncipe, que se torna muito atrativa para o turismo. Foi neste período que houve, inclusive, a mudança do nome do Museu do Príncipe para Museu do Colonização, o que também indica esta revalorização.

Catedral de Joinville - São Francisco Xavier

Um exemplo emblemático das formas de Joinville é sua Catedral. Após uma observação atenta ao aspecto da forma e formação, é possível encontrar na igreja matriz um exemplo que reúne muitos significados, tanto implícitos como explícitos.

A página eletrônica da catedral de Joinville informa que, próximo ao local onde hoje está a Catedral, havia uma igreja com arquitetura portuguesa. Entretanto, em 1943 foi idealizada a construção de uma nova catedral para a cidade. Porém, a construção só foi iniciada em 1960, demorando 45 anos para ser finalizada. Sua inauguração ocorreu em 5 de junho de 1977, mas a conclusão da obra deu-se apenas no dia 24 de dezembro de 2005, data em que foi inaugurada a torre do campanário. Segundo a página da paróquia,

todos os recursos da obra vieram da comunidade, dado este também confirmado pelos depoimentos na visita de campo (CATEDRAL SÃO FRANCISCO XAVIER, 2008).

O financiamento da construção da igreja pela sociedade joinvilense suscita os direcionamentos e interações que uma cidade industrial de origem germânica quer proporcionar ao lugar. O primeiro aspecto é a localização da catedral. Normalmente as igrejas portuguesas instalam-se na área central da cidade, construídas em um local mais alto e imponente, para se tornar um centro de referência para a comunidade. Por outro lado, na cultura germânica, as igrejas não constituem um elemento central nos padrões de ocupação, sendo este mais atribuído às áreas e funções comerciais. Neste sentido, a Catedral de Joinville, assim como a igreja luterana, encontram-se em áreas que denotam uma certa importância na formação socioespacial, mas sob um olhar mais geral, perdem seu referencial dentro da paisagem característica de Joinville.

Outra questão é o financiamento dos recursos da obra, oriundos de um capital ligado à atividade industrial, que após os anos 60 começa gradativamente a consolidar-se. Este capital é de origem local; portanto, relaciona-se a questões políticas, ideológicas, ou ainda, a um sentimento de integração e influências interpessoais dentro da própria comunidade.

As objetivações do capital industrial, reflexo de uma formação germânica, moldam as características estéticas da catedral. Fica inteiramente explícito o sentido de modernidade introduzido no local, modernidade esta apregoada por uma cidade de origem alemã fortemente ligada ao trabalho, que tem a indústria como uma mola propulsora e atores sociais que, muitas vezes, definem os direcionamentos e as formas da cidade.

Num primeiro momento, o aspecto externo da catedral remete a uma descaracterização dos padrões da arquitetura joinvilense, seja esse português ou germânico. A mesma possui um formato circular coberto (Figura 10) que não condiz com a estética da arquitetura típica da cidade. Além disso, é necessário um letreiro (Figura 11) em sua entrada – CATEDRAL DE JOINVILLE – para que a mesma possa ser identificada.



Figura 10. Imagem aérea da Catedral de Joinville.
Fonte: Marcelo Olisa



Figura 11. Entrada principal da Catedral de Joinville.
Fonte: Radar Sul – Guia Turístico de Santa Catarina.

O interior da capela possui elementos que chamam a atenção, são eles: os bancos individualizados, o altar em formato oval, os altares dispostos em áreas não visíveis diretamente e ainda os vitrais que contornam a sua cúpula. Estes são, segundo informações do *site* da instituição, a alma da catedral; eles possuem fortes retratos de modernidade, como imagens relacionadas à evolução e ao movimento do reino mineral, vegetal e animal; à história da agricultura e do trabalho humano; ao globo terrestre; ao surgimento das pirâmides; à invenção da escrita; a áreas da ciência como física, química, medicina; à conquista do espaço; todas imagens fortemente ligadas à evolução e transformação do universo causada pelo homem. Percebe-se que o homem é apresentado como construtor do mundo, e responsável por ele. Abaixo observa-se a reprodução de um dos vitrais.

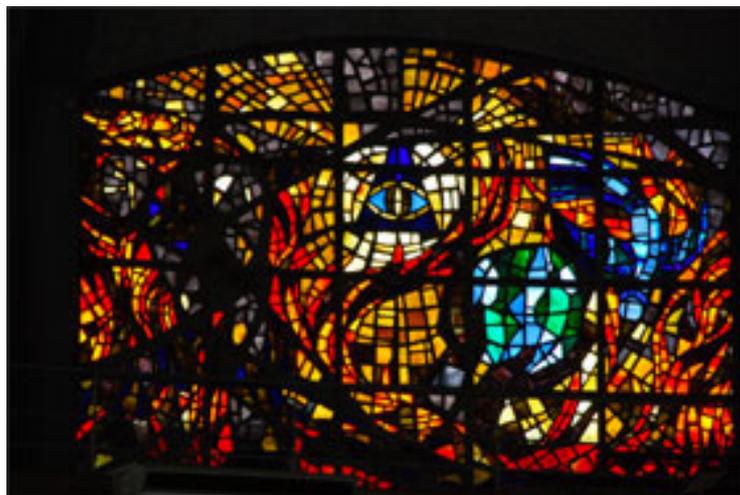


Figura 12. Vitral nº 20 da capela.

Fonte: *Site* da Catedral São Francisco Xavier

Revista Discente Expressões Geográficas, nº 06, ano VI, p. 153 – 172. Florianópolis, junho de 2010.

www.geograficas.cfh.ufsc.br

A explicação acerca da imagem da figura 12 é a seguinte:

20º vitral – ENCERRA A HISTÓRIA: No centro encontramos o olho de DEUS PAI. Aos pés do vitral vemos as mãos de DEUS FILHO oferecendo a DEUS PAI o universo evoluído, redimido e transformado pela mão do homem com seu criador, no dom do Espírito Santo, para então entrar na imensidão de Deus. Deus começou a criação, mas confiou ao homem a continuação, de modo que somos responsáveis pelo mundo que construímos. (CATEDRAL SÃO FRANCISCO XAVIER, 2009).

Hoje em dia, é possível, que os valores cultivados no passado já não estejam mais presentes no dia a dia da igreja. A própria população pode alterar seu sentimento de pertencimento à comunidade e os padrões de socialização talvez se alterem, podendo inclusive atribuírem outros significados às formas já constituídas. Porém, é bem provável, que os interesses industriais ligados à igreja tenham se modificado. Afinal, o capital alterou-se de local para global. Assim, os lucros, os investimentos e os interesses não constituem substancialmente, como outrora, um fator influente para a sociedade joinvilense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste relatório conclui-se que as categorias utilizadas como base de análise serviram como ferramental para o entendimento sintético do que é a realidade joinvilense. Formação, função e forma modificaram-se, perpassando diferentes tempos, num espaço em constantes transformações, compreendido através da leitura de paisagens locais. Praças, mercados, igrejas, casas e bairros, por exemplo, estão ricos de significados e pretensões de um passado, de um presente e de um futuro.

É possível chegar a algumas considerações, onde se nota que a determinação das múltiplas relações, econômicas, sociais, políticas e culturais foram importantes na formação da cidade de Joinville, enquanto totalidade espacializada.

O sítio colocou-se como substrato físico para implantação de uma imigração germânica, ligada à indústria e à valorização do trabalho. A produção e o produto destas intervenções no meio natural e social constituíram sua formação socioespacial, que, através de dimensões de funções e formas, continua produzindo e reproduzindo as relações desta sociedade, mesmo hoje sob a ótica da globalização.

Assim, estas conclusões mesmo que parciais, são de grande valor, pois são resultado de um trabalho de campo, aliado à pesquisa bibliográfica. Elas refletem, em

parte, toda uma iniciativa de processo de aprendizagem, no qual o teórico e o empírico articulados, por informações bibliográficas, permitiram agregar abordagens geográficas de uma expressão profissional em formação.

A atividade de campo possibilitou compreender certos traços da trajetória de Joinville e sua atual configuração enquanto espaço urbano. Além disso, foi possível estabelecer relações de influência entre outros lugares e a cidade em questão. É possível perceber que a realidade joinvilense está articulada a uma estrutura global, nacional e regional. Neste sentido, as especificidades de Joinville, já mencionadas ao longo do relatório, constituem uma parte indissociada deste todo, que é o modo de produção capitalista. Diante destas ponderações, foi possível desvendar um novo olhar, um olhar geográfico por assim dizer, que realiza recortes dessa realidade tão complexa que é a cidade.

REFERÊNCIAS

BRUM NETO, H. **Regiões culturais**: a construção de identidades culturais no rio grande do sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. 2007, 319 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

BRÜSKE, Dinorah Luisa de Melo Rocha. **A área central de Joinville**: sua configuração atual e aspectos de seu processo de expansão entre 1950 e 2001. 2002, 208 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

CATEDRAL SÃO FRANCISCO XAVIER. Vitrais, 2008a. Disponível em: <<http://www.catedraljoinville.com.br/pt/home/>>. Acesso em: 25/11/2009.

_____. História, 2008b. Disponível em: <<http://www.catedraljoinville.com.br/pt/historia/>>. Acesso em: 25/11/2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Joinville: a cidade das flores, dos príncipes e da dança. Disponível em: <<http://www.wfme.ufba.br/viifme/arquivos/joinville.htm>>. Acesso em: 25/11/2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2003. (Série Princípios).

COSTA, Viegas Fernandes. Notas sobre a literatura catarinense 03: esse falso enxaimel. Disponível em:

<http://www.bc.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=157&Itemid=1>. Acesso em: 25/11/2009.

IPPUJ – Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável de Joinville. Joinville em dados. Disponível em: <<http://www.ippuj.sc.gov.br/index.php?goto=conteudo&menu=3&submenu=33&Itemid=54>>. Acesso em: 25/11/2009.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo, Hucitec, 1981

NIEHUES, Valdete Daufemback. **De agricultor a operário lembranças de migrantes**. 2000, 245 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. (Orientador Valmir Francisco Muraro).

OLISA, Marcelo. Imagem aérea da Catedral. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=898416>>. Acesso em: 25/11/2009.

RADAR SUL. Entrada da Catedral de Joinville SC. Disponível em: <<http://www.radarsul.com.br/joinville/catedral.asp>>. Acesso em: 25/11/2009.

ROCHA, Isa de Oliveira. **Industrialização de Joinville-SC: da gênese às exportações**. Florianópolis, 1997.

SANTANA, Naum Alves de. **A produção do espaço urbano e os loteamentos na cidade de Joinville (SC) - 1949/1996**. 1998, 232 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. (Orientador Ivo Sostisso).

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1986.